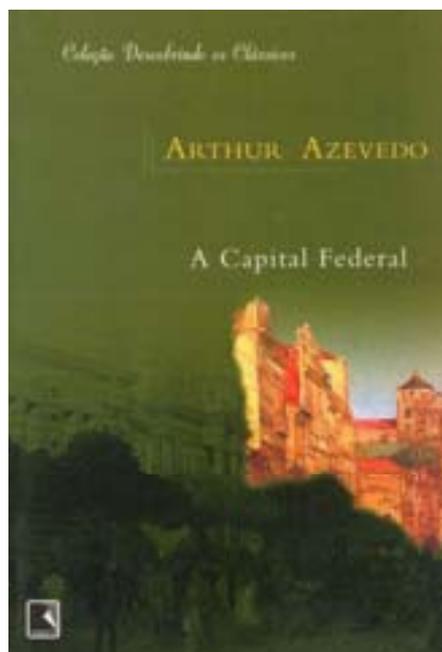
Aula 7

LITERATURA E TEATRO NATURALISTAS NO BRASIL:
ALUÍSIO AZEVEDO E ARTUR AZEVEDO

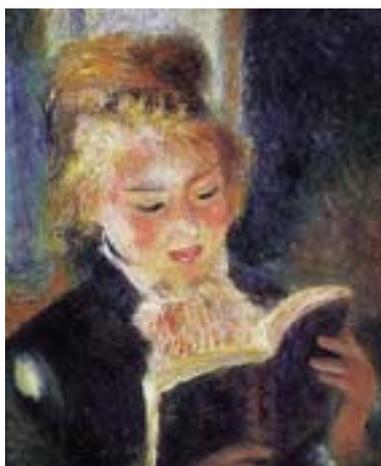
META
Realizar estudo crítico da obra naturalista de Aluísio Azevedo.

OBJETIVOS
Ao final desta aula, o aluno deverá:
conhecer o caráter renovador da literatura brasileira realista-naturalista;
observar as tendências realistas-naturalistas da obra de Aluísio Azevedo;
discutir a contribuição da literatura brasileira naturalista para a literatura e a cultura brasileiras.

PRÉ-REQUISITOS
Leitura da 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, e 5ª aula.
Leitura das obras *O Cortiço*, *O Mulato*, *Casa de Pensão*

Capa de edição recente da obra A capital federal, de Artur Azevedo.
(Fonte: http://publifolha.folha.com.br)

INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira do Segundo Império, o Naturalismo foi visto como "imoral", pelos preconceitos provincianos. Mas foi essa literatura que renovou a produção literária (brasileira) naquele momento, revelando problemas sociais e psicológicos, ainda que sob uma visão determinista (em alguns casos), em que o ser humano não tinha o poder de transformar a realidade ao seu redor. O homem estava limitado pelas forças do meio, do momento e da raça (e da hereditariedade). Diferentemente do idealismo (romântico) que acredita na capacidade que tem o homem de superar suas dificuldades, renovar sua realidade e construir um mundo melhor para si e para os outros.

E a literatura, mesmo a literatura naturalista, salta fora do "esquema" e nos incita à reflexão. As personagens podem estar atadas ao determinismo, mas o leitor, não. Ele põe seu repertório de vida (de conhecimento) em diálogo com o texto, e nessa leitura dialógica, elabora novas possibilidades de ver o mundo e de viver seu momento histórico.

Pinturas de Renoir
(Fonte: http://www.educ.fc.ul.pt)

LITERATURA E TEATRO NATURALISTA NO BRASIL

A vertente naturalista do Realismo adotou o Determinismo – uma compreensão de que o comportamento humano é determinado pelo meio, pelo momento histórico e pela hereditariedade (Hipolite Taine, 1825-1893). o Evolucionismo: na vida animal há um processo de seleção natural em que só os mais fortes sobrevivem na luta pela existência (Charles Darwin, 1809-1882); o Positivismo: a humanidade está no terceiro ciclo da evolução, o ciclo do "positivo" da era científica (ela já passou pelo teológico e pelo metafísico), e que os únicos meios de se atingir o conhecimento válido são a observação, a experimentação e a comparação.

Vamos refletir sobre o que diz do Realismo-Naturalismo o crítico da cultura Arnold Hauser.

> "Os realistas-naturalistas propuseram no lugar do idealismo do tradicionalismo romântico o ponto de vista científico e o pensamento tecnológico, e no lugar do acaso e dos milagres das histórias românticas, propuseram o princípio da causalidade e o desenvolvimento correto do enredo".
> (Arnold Hauser, na obra *História Social da Literatura e da Arte*).

Examinando o texto de Hauser, vê-se o princípio ético que leva os realistas-naturalistas a retratar os fatos com objetividade e imparcialidade. É o princípio da justiça: retratar a realidade de modo objetivo e impessoal seria uma forma de solidariedade social, o grande compromisso do escritor.

Uma visão crítica desfavorável ao naturalismo brasileiro é desenvolvida pelo professor Flávio Khote que cobra dos escritores e historiadores da literatura maior compromisso ético, pois eles apenas apontam os problemas, sem procurar suas causas. Para Khote:

> "Naturalismo e realismo representam, não só no Brasil, atitudes políticas, morais e estéticas tão diversas que não podem, como vem acontecendo nos manuais brasileiros, ser colocados sob um único rótulo, como se costuma fazer: "realismo/naturalismo", em que o primeiro aparece em detrimento do segundo".
> (KOTHE, Flávio René. O cânone imperial. Brasília: UnB, 2000, p. 594).

Além de filiar-se à ciência positivista, o Naturalismo registrou o presente. Temas inovadores e linguagem atual. Trouxe para a literatura temáticas novas, lutas sociais e denúncia da hipocrisia. Já estava antecipando temáticas de cunho social desenvolvidas mais tarde, no século XX. A literatura naturalista pôs em contradição a teoria determinista e a prática literária: enquanto propunha a passividade das personagens, acreditava numa arte capaz de

transformar a sociedade. Ganhou com isso a literatura, que superou formas passadistas e alcançou a grandeza da arte, comprometida com o homem e com o seu momento.

A literatura realista-naturalista no Brasil teve caráter reformista e procurou adequar-se aos padrões estéticos e ideológicos mecanicistas da Europa industrializada. Ainda assim contribuiu para a renovação da cultura brasileira, por sua expressão participante, pondo em foco questões como anticlericalismo, preconceito racial, puritanismo sexual, exploração do homem pelo homem, etc.

Aluísio Azevedo

Algumas obras foram produzidas sob a orientação do Naturalismo, umas são bem lidas ainda hoje, outras ficaram esquecidas, ou deixadas de lado pela própria escola e pelas famílias que vêem nelas uma fonte de pecados, por abordarem problemas de taras e crueldade. O *Mulato, Casa de Pensão, O Cortiço, O Missionário, A Normalista, Luzia- Homem, Dona Guidinha do Poço, O Coronel Inaugurado* marcaram o ambiente literário da segunda metade do século XIX.

A obra mais representativa do naturalismo brasileiro é *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo – uma análise da miséria econômica e social do negro

Emile Zola
(Fonte: httpwww.algosobre.com).

e do mestiço, explorados pelo branco português. É a abordagem do problema da habitação coletiva (cortiço) da miséria e da exploração do homem pelo homem. Essa "literatura científica" aborda aspectos excepcionais da sociedade e o determinismo mecânico, mas deixa à margem seus problemas fundamentais, evitando discutir as causas desses males sociais, e por isso não conseguiu fazer no Brasil, a revolução literária que as obras de Zola, Flaubert e Eça de Queirós fizeram na Europa.

Observemos algumas características do estilo naturalista que nos darão suporte para a análise dos textos.

- Radicalização do determinismo (o homem é produto de leis físicas e sociais) associado ao positivismo.

- Visão determinista e mecanicista do homem: o homem está

sujeito a forças que determinam o seu comportamento: o meio, o instinto, a hereditariedade e o momento.
- Cientificismo: o homem é um "caso" que deve ser observado e analisado cientificamente.
- Criação de personagens patológicas: bêbados, prostitutas, adúlteras, assassinos, loucos, doentes...
- Crítica social e reformismo: pela denúncia os naturalistas pretendiam transformar a sociedade, melhorando seus aspectos negativos.
- Incorporação de termos científicos: vocabulário ligado à medicina, à biologia, à psicologia.

Agora vamos identificar as principais tendências e características do realismo naturalista brasileiro em alguns textos que seguem abaixo.

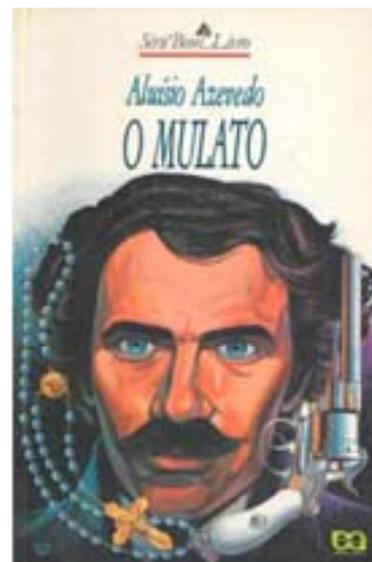
De *O Mulato*:

Fragmento 1-

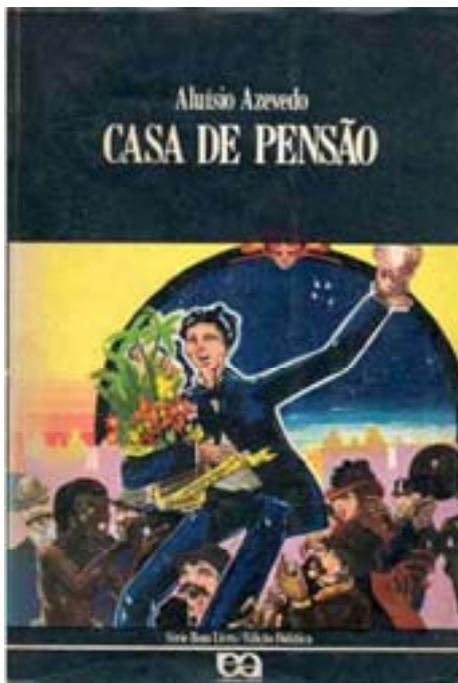
> — Dantes os escravos tinham que fazer! Mal serviam a janta iam aprontar e acender os candeeiros, deitar-lhes novo azeite e colocá-los no seu lugar... E hoje? É só chegar o palitinho de fogo à bruxaria do bico de gás e... caia-se na pândega! Já não há tarefa! Já não há cativeiro! É por isso que eles andam tão descarados! Chicote! chicote, até dizer basta! que é do que eles precisam. Tivesse eu muitos, que lhes juro, pela bênção de minha madrinha, que lhes havia de tirar sangue do lombo!
> Mas a especialidade de D. Amância Sousellas, o que a tornava adorável para certos rapazes e detestada por muitos pais de família que iam de nariz torcido lhe recebendo visitas e obséquios de cortesia, era, sem dúvida, o seu antigo hábito de contar anedotas baixas e grosseiras. Sempre fora muito desbocada; no entanto alguns basbaques da sua roda, diziam dela, num frouxo de riso: "Com a D.
> Amância não pode a gente estar séria! — O diabo da velha tem uma graça!..."

Capa de O mulato

Fragmento 2-

> Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria seu Manuel que a Dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? Ora, seu compadre, você às vezes até me parece tolo!
> Manuel abaixou a cabeça, derrotado.
> — Ora, ora, ora! respingava o sacerdote, como as últimas gotas de um aguaceiro. E passeava vivamente em toda a extensão da saleta, atirando de uma para a outra mão o seu lenço fino de seda da Índia.— Ora! ora,

> deixe-se disso, seu compadre! Stultorum honor inglorius!...
> Nisto bateram à porta. Era o Dias com a correspondência do Sul.
> — Dê cá. A carta de Manuel pouco adiantava da outra.
> — Mas, afinal que acha você, compadre?... disse ele, passando a carta ao cônego, depois de a ler.
> — Que diabo posso achar?... A coisa está feita por si.. Deixe correr o barco! Você não disse uma vez que queria entrar em negócio com a fazenda do Cancela? Não há melhor ocasião — trate-a com o próprio dono... mesmo as casas de São Pantaleão convinham-lhe... olhe se ele as desse em conta, eu talvez ficasse com alguma.
> — Mas o que eu digo, compadre, é se devo recebê-lo na qualidade de meu sobrinho.
> — Sobrinho bastardo, está claro! Que diabo tem você com as cabeçadas de seu mano José?...

Os dois fragmentos da obra *O Mulato* denunciam o preconceito racial da hipócrita sociedade maranhense.

De *Casa de Pensão*:

Capa dp romance Casa de Pensão

Fragmento 1

> Amâncio fora muito mal-educado pelo pai, português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoada; tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava todo frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Se acaso algumas vezes se mostrava dócil e amoroso, era sempre por conveniência: habituou-se a fingir desde esse tempo.

A personagem tem o caráter distorcido por problemas psicológicos vindos da infância humilhada pelo autoritarismo paterno.

Fragmento 2

> Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos – grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz.

O fragmento exemplifica uma característica do estilo realista: a descrição minuciosa, detalhada. A construção da figura concentra-se na área da cabeça com exatidão científica: dos cabelos à pele.

Fragmento

> O tísico do nº 7 há dias esperava o seu momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando fôlego.
> Não tossia; apenas de quando em quando, o esforço convulsivo para atravessar os pulmões desfeitos sacudia-lhe todo o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava arrular ominoso dos pombos.

É comum na obra naturalista a abordagem de temas ligados a casos patológicos (doentios). Doenças físicas, morais ou sociais são do interesse do Naturalismo, e Aluísio Azevedo foi um seguidor fiel desse princípio do estilo.

ATIVIDADES

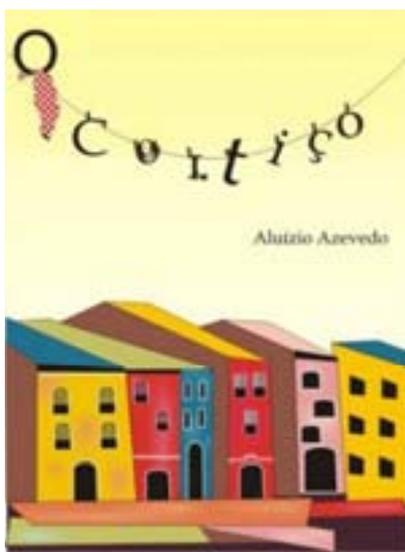
O Cortiço

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus para dançar, a lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua cama de prata, cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça e irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso com muito de serpente e muito de mulher. Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse a vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e serrado freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora o outro, sobre a nuca enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra titilando.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazendo; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que mel e era a castanha do caju, que abre feridas com seu ajeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 9 ed. São Paulo: Ática, 1970. p. 56-7.)

1. Após a leitura do fragmento de *O Cortiço* você deve ter notado que o ambiente físico e social é apresentado detalhadamente. Que procedimento foi mais apropriado para produzir esse efeito? A descrição ou a narração? Retire do texto trechos que exemplifiquem o recurso adotado e que estimularam sensações visuais, auditivas, olfativas...

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A prosa naturalista adota a descrição minuciosa e a narração lenta. São recursos do estilo para conseguir um efeito de análise científica.

Capa de *O cortiço*

Daqui a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara incomodamente debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário, metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, forçando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, num capinzal dos fundos por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.
O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava-se, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação

> sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.
> (AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 9. ed. São Paulo: Ática, 1970. p. 28-9.)

ATIVIDADES

Veja que neste texto o elemento humano tem prioridade na cena. Este elemento é abordado da perspectiva individual ou coletiva (do grupo)? Justifique sua resposta.

COMENTÁRIO SOBRE AS TIVIDADES

Entre o indivíduo e o grupo, a literatura naturalista privilegia o segundo. Quando o individuo é abordado quase sempre é pelo aspecto biológico, mas o agrupamento social é o ponto de interesse do Naturalismo.

No romance *O Cortiço* o coletivo sobrepõe-se ao individual. Vemos isso na preferência pelos agrupamentos humanos: o cortiço, o grupo de trabalhadores explorados.

> Ele pôs-se logo a devorar, sofregamente, olhando inquieto para os lados, como se temesse que alguém lhe roubasse a comida da boca. Engolia sem mastigar, empurrando os bocados com os dedos agarrando-se ao prato e escondendo nas algibeiras o que não podia de uma só vez meter para dentro do corpo.
> (AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1970.)

Caro aluno, viu como são elaboradas as personagens naturalistas? São verdadeiro anti-heróis. Esse estilo literário não está preocupado com heróis, como fez a literatura do passado e até mesmo a literatura romântica.

ATIVIDADES

Vê-se claramente no texto uma situação de degradação humana. Explique em que consiste essa degradação.

Lembre que o Naturalismo adotou o princípio do determinismo em que o homem está submetido à influência do meio e não tem condição de reagir contra as condições adversas.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A literatura pode desempenhar uma função pedagógica quando é capaz de ensinar alguma coisa. Capaz de educar uma sociedade. Mas, educar em que direção? Para transformar a realidade ou para repetir modelos negativos? E a obra de Aluísio, qual a posição pedagógica dela? O Naturalismo foi realmente uma revolução em literatura, ou foi apenas um corte parcial no cânone? Por quê?

Artur Azevedo

(1855-1908), Nasceu no Maranhão, irmão de Aloísio Azevedo. Foi jornalista, contista e abolicionista. Teve formação parnasiana, mas optou pelo teatro. Suas principais obras foram *A capital federal, A Almanjarra, A pele do lobo, O tribofe*, entre outras.

TEATRO BRASILEIRO REALISTA

Caro aluno, agora vamos apreciar o teatro realista brasileiro, representado por **Artur Azevedo** na obra A capital feder*al* O fragmento que segue pertence à peça *A capital federal* e enfoca os costumes e comportamentos da sociedade carioca do século XIX. Imitações de modelos estrangeiros de vida social. O humor conduz o enredo da peça, que até hoje é encenada.

ATO III
Cena IV –
Duquinha, Lourenço
(Duquinha tem dezoito anos e é muito tímido.)
Duquinha – A senhora Dona Lola está em casa?
Lourenço (Muito respeitoso.) – Sim, meu senhor... e pede a V. Exa. que tenha o obséquio
de esperar alguns instantes.
Duquinha – Muito obrigado. (À parte.) É o cocheiro... não sei se deva...

Lourenço – Como diz V. Exa.?
Duquinha – Se não fosse ofendê-lo, pedia-lhe que aceitasse... (Tira a carteira.)
Lourenço – Oh! Não!... Perdoe V. Exa... não é orgulho; mas que diria a patroa se soubesse que eu...
Duquinha – Ah! Nesse caso... (Guarda a carteira.)
Lourenço (Que ia sair, voltando.) – Se bem que eu estou certo que V. Exa. Não diria nada à Senhora Dona Lola...
Duquinha (Tirando de novo a carteira.) – Ela nunca o saberá. (Dá-lhe dinheiro.)
Lourenço - Beijo as mãos de V. Exa. A Senhora Dona Lola é tão escrupulosa! (À parte.)
Uma de trinta! O franguinho promete... (Sai com muitas mesuras, levando o sobretudo e demais objetos.)

Cena V
Duquinha – Estou trêmulo e nervoso... É a primeira vez que entro em casa de uma destas mulheres... Não pude resistir!.... A Lola é tão bonita, e o outro dia, no Braço de Ouro, me lançou uns olhares tão meigos, tão provocadores, que tenho sonhado todas as noites com ela! Até versos lhe fiz, e aqui lhos trago... Quis comprar-lhe uma jóia, mas receoso de ofendê-la, comprei apenas estas flores... Ai, Jesus! Ela aí vem! Que lhe vou dizer?...

Cena VI
Duquinha e Lola
Lola – Não me engano: é o meu namorado do Braço de ouro! (Estendendo-lhe a mão.)
Como tem passado?
Duquinha – Eu... sim... bem, obrigado; e a senhora?
Lola – Como tem as mãos frias!
Duquinha –Estou muito impressionado. É uma coisa esquisita: todas as vezes que fico impressionado.. fico também com as mãos frias...
Lola – Mas não se impressione! Esteja à vontade! Parece que não lhe devo meter medo!
Duquinha – Pelo contrário.
Lola (Arremedando- o .) – Pelo contrário! (Outro tom.) São minhas essas flores?
Duquinha – Sim.. eu não me atrevia... (Dá-lhe as flores.)
Lola – Ora essa! Por quê? (Depois de aspirá-las.) Que lindas são!
Duquinha – Trago-lhe também umas flores poéticas.
Lola – Uma quê?...
Duquinha – Uns versos.

Lola – Versos? Bravo! Não sabia que era poeta!
Duquinha – Sou poeta sim, senhora; mas poeta moderno, decadente...
Lola – Decadente? Nessa idade?
Duquinha – Nós somos todos muito novos.
Lola – Nós quem?
Duquinha – Nós, os decadentes. E só podemos ser compreendidos por gente da nossa idade. As pessoas de mais de trinta anos não nos entendem.
Lola – Se os senhor se demorasse mais algum tempo, arriscava-se a não ser compreendido por mim.
Duquinha – Se dá licença, leio os meus versos. (Tirando um papel da algibeira.) Quer ouvi-los?
Lola – Com todo o prazer.
Duquinha (Lendo.)
Ó flor das flores, linda espanhola!
Como eu te adoro, como eu te adoro!
Pelos teus olhos, ó Lola, ó Lola!
De dia canto, de noite choro,
Linda espanhola, linda espanhola!
Lola – Dir-se-ia que o trago de canto chorado!
Duquinha – Ouça a segunda estrofe!
És uma santa, santa das santas!
Como eu te adoro, como eu te adoro!
Meu peito enlevas, minhalma encantas!
Ouve o meu triste canto sonoro,
Santa das santas, santa das santas!
Lola – Santa? Eu!... Isto é que é liberdade poética!
Duquinha – A mulher amada pelo poeta é sempre santa para ele! Terceira e última
estrofe...
Lola – Só três? Que pena!
Duquinha (Lendo.)
Ó flor das flores! Bela andaluza!
Como eu te adoro, como eu te adoro!
Tu és a minha pálida musa!
Desses teus lábios um beijo imploro,
Bela andaluza, bela andaluza!
Lola – Perdão, mas eu não sou da Andaluzia; sou de Valladolid.
Duquinha – Pois há espanholas tão bonitas que não sejam andaluzas?
Lola – Pois não! O que não há são andaluzas bonitas que não sejam espanholas.
Duquinha – Hei de fazer uma emenda.
Lola – E que mais?

Duquinha – Como?
Lola – O senhor trouxe-me flores... trouxe-me versos... e não me trouxe mais nada?
Duquinha – Eu?
Lola – Sim... Os versos são bonitos... as flores são cheirosas... mas há outras coisas de que as mulheres gostam muito.
Duquinha – Uma caixinha de marrons glacés?
Lola – Sim, não digo que não... é uma boa gulodice... mas não é isso...
Duquinha – Então que é?
Lola – Faça favor de me dizer para se inventaram os ourives.
Duquinha – Ah! Já percebo... Eu devia trazer-lhe uma jóia!
Lola – Naturalmente. As jóias são o "Sésamo, abre-te" destas cavernas de amor.
Duquinha – Eu quis trazer-lhe uma jóia, quis; mas receei que a senhora se ofendesse...
Lola – Que me ofendesse?... Oh! Santa ingenuidade!... Em que é que uma jóia me poderia ofender? Querem ver que o meu amiguinho me toma por uma respeitável mãe de família? Creia que um simples grampo de chapéu, com um bonito brilhante, produziria mais efeito que todo esse: Como te adoro, como te adoro, Linda espanhola, linha espanhola, Santa das santas, santa das santas!
Duquinha – Vejo que lhe não agrada a Escola Decadente....
Lola – Confesso que as jóias exercem sobre mim uma fascinação maior que a literatura, e demais, não sou mulher a quem se ofereçam versos... Vejo que o senhor não é de opinião de Bocage...
Duquinha – Oh! Não me fale em Bocage!
Lola – Que mania essa de não nos tomarem pelo que somos realmente! Guarde os seus versos para as donzelinhas sentimentais, e, ande, vá buscar o "Sésamo, abre-te" e volte amanhã. (Empurra-o para o lado da porta. Entra Lourenço.)
Duquinha – Mas...
Lola – Vá,vá! Não me apareça aqui sem uma jóia. (A Lourenço.) Lourenço conduza este senhor até a porta. (Sai pela direita.)
Duquinha – Não, não é preciso, não se incomode. (À parte.) Vou pedir dinheiro a mamãe.
(Sai.)

AZEVEDO, Artur. A capital federal. in: www.bibbvirt.futuro.usp.br

ATIVIDADES

1. Pesquise no *site*. www.bibbvirt.futuro.usp.br a peça (completa) *A capital federal* de Artur Azevedo, e verifique aspectos da modernidade europeia chegando ao Rio de Janeiro do Século XIX. Elabore um texto de no mínimo 12 linhas comentando as transformações registradas pelo teatro naquele momento.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A modernidade chega ao Brasil em passos lentos embutida nos ideais burgueses de progresso riqueza e lucro. Inicia-se pela intensificação comercial, e somente no século XX dá sinal dos reflexos da Revolução Industrial.

CONCLUSÃO

O romance de Aluísio Azevedo renovou as propostas literárias do seu momento, até mesmo do romance realista, criando novas perspectivas para a abordagem da temática, da linguagem e da estrutura romanesca. Os temas abordam problemas ("doenças") de uma sociedade gananciosa, preconceituosa, hipócrita, capitalista e burguesa. Uma linguagem direta, clara, científica e precisa; descrição objetiva, minuciosa, com muitos detalhes; narração lenta e exaustiva. Na estrutura narrativa privilegia-se a personagem, especialmente na criação de tipos, que representam o coletivo, e o espaço ganha nitidez e precisão pela descrição realista.

Na obra de Aluísio Azevedo o ser humano não tem autonomia. É marcado pelo determinismo fatalista que não lhe permite reagir contra o meio, o momento histórico e contra a hereditariedade.

RESUMO

A literatura naturalista no Brasil não teve a mesma aceitação que teve a obra realista de Machado de Assis. Os preconceitos provincianos consideraram-na "imoral", certamente porque revelou os problemas morais e sociais que aquela sociedade hipócrita pretendia esconder.

Além disso, essa literatura pretendia ser um verdadeiro documento, e para isso tratava a realidade de forma científica: observação, análise e formulação de uma tese, passos próprios do método cientifico, para abordar problemas, especialmente sociais, e em alguns casos, biológicos.

Os três romances de Aluísio Azevedo abordados enfocam questões socais que resistem ao tempo e permanecem até hoje. O século XXI convive com preconceitos, exploração do ser humano, taras morais e sociais, que são debatidos abertamente e cobram solução. No século XIX abordar essas questões era uma imoralidade. Mas a literatura aliou-se à filosofia positivista e ao cientificismo para refletir sobre os problemas humanos e explicá-los cientificamente; transformando-se, ela também, em instrumento de combate e renovação estética e ética. O teatro de Artur Azevedo revela a situação da cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, com seus dramas e suas modernidades...

PRÓXIMA AULA

A poesia brasileira parnasiana discutindo sua constituição e seu compromisso ético e estético.

AUTOAVALIAÇÃO

A partir do estudo da obra naturalista de Aluísio Azevedo consigo compreender o caráter renovador da sua obra? Consigo mostrar isso em um pequeno texto de 8 linhas?

Posso, depois desse estudo, explicitar as tendências naturalistas das obras *O Cortiço, Casa de Pensão e O Mulato*, explicitando-as em um texto de, no mínimo, 12 linhas?

Consigo escrever um texto de 12 linhas discutindo a contribuição da obra naturalista de Aluísio Azevedo para a literatura e a cultura brasileiras.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Artur. **A capital federal**. Disponível em <http:// www.bibbvirt.futuro.usp.br>.
AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1970.
___________. **O mulato**. São Paulo: Ática, 1970.
___________. **Casa de pensão.** São Paulo: Ática, 1972.
BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.
COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (dir). **A Literatura no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Global, 2004.
KOTHE, Flávio René. **O Cânone imperial. Brasília**: UnB, 2000. p. 594).
SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.